A edição de *Longe, aqui*, de Maria Esther Maciel, reitera e reconfigura o conceito de obra reunida, pois no reencontro dos temas marcantes de sua poética reconhecemos uma *opera nuova*. *Triz*, lançado em 1998, acrescido de novos poemas, pode ser visto como um mesmo livro que se atualiza como outro. Essa lógica sustenta o conjunto que a autora chamou de "poesia incompleta". Formalmente, os livros apresentados na reunião se insinuam como outros, estimulados pelo movimento que lhes deu origem. Ontologicamente, a precariedade inerente àquilo que o humano alcança é convertida em mudança através da linguagem. Para a poeta, o que é dúvida no intervalo entre a prosa e a poesia se transfigura em discurso sobre o impossível no *Livro de Zenóbia*, e o que é desolação na perda do corpo ("amo meu pai na atômica desordem") cintila como permanência da memória ("grafito na pedra de meu pai").

Por meio do diálogo entre a poeta de formas concisas, a ensaísta de reflexões teóricas refinadas e a docente atenta aos processos de aprendizagem se estabelecem as condições para a constituição dessa obra ímpar na poesia brasileira contemporânea. Nela surgem, de modo tensionado, a vivência afetiva, a disposição crítico-analítica, a nomeação das referências literárias e a experimentação de fórmulas próprias de escrita. Com esse tear de ideias, a poeta captura no real as sutilezas que o tornam maior do que sugerem nossas práticas de sobrevivência cotidiana. E, vale dizer, essa tem sido uma característica que distingue algumas das grandes vozes da poesia em diferentes períodos.

O conhecimento do mundo, tema axial em *Longe, aqui*, aponta para os diálogos de Maria Esther com a linguagem crítica de poetas como Laís Corrêa de Araújo, Carlos Drummond de Andrade e T. S. Eliot, dentre outros, que não cederam à armadilha dos argumentos da redenção. A poeta nos adverte, a esse propósito, que para alcançar o sentido do mundo e de si mesmo é preciso recusar a verdade imposta, o caminho traçado e a rota sem fuga. Em sua poética, o sujeito humano se revela livre, apesar das inúmeras formas de violência, e resistente porque belo.

Em tempos ásperos como o que vivemos, o belo não é algo dado *a priori*, é um desejo a ser vivido, uma negação do horror e uma celebração da inteligência. Por isso e algo mais, a voz de Maria Esther Maciel é daquelas raras, que se mostram sensíveis ao efeito perturbador da criação poética.

Edimilson de Almeida Pereira
Verão de 2020